

# NA RELAÇÃO *LÍNGUA/POESIA*: AS VERSÕES DOS *BRASIS* E SUJEITOS NACIONAIS

## BETWEEN *LANGUAGE/POETRY*: VERSIONS OF THE *BRAZILS* AND NATIONALS SUBJECTS

Eliana de Almeida

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Pontes e Lacerda, MG, Brasil

*Resumo:* Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação *língua/poesia*, conforme tomada nos estudos da linguagem, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1988; 2004; ORLANDI, 1999; MARIANI, 2004). Nosso interesse é mostrar como a separação entre *língua/poesia*, nesses estudos, produziu consequências teórico-analíticas em relação à leitura/interpretação do texto poético, donde advêm, ainda hoje, práticas tradicionais que desautorizam sua leitura pelas teorias linguísticas. Para além da teoria discursiva, a análise, que recorta a poesia *Cabeludinho*, da obra **Poemas concebidos sem pecado** (1937), de Manoel de Barros (1916-2014), mostra os modos pelos quais a linguagem (se) dobra sobre si mesma, ressaltando o funcionamento próprio da língua na contemporaneidade.

*Palavras-chave:* Discurso; língua; poesia; discurso literário.

*Abstract:* This article proposes a reflection about the relationship language/poetry, as taken in language studies, based on the theoretical assumptions of Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1988; 2004; ORLANDI, 1999; MARIANI, 2004). Our interest is to show how the separation between language/poetry, these studies produced theoretical and analytical consequences for the reading/interpretation of the poetic text, whence come today traditional practices that disallow reading by linguistic theories. In addition to the discourse theory, the analysis, which cuts out the literary work **Poemas concebidos sem pecado** (1937), by Manoel de Barros (1916-2014), the *Cabeludinho* poetry, shows the ways in which language (if) fold on itself, highlighting the poetry of this poet, the language proper functioning nowadays.

*Keywords:* Discourse; language; poetry; literary discourse.

*Me disse que as coisas que não existem são mais bonitas.  
(O Livro das Ignoranças, Manoel de Barros)*

Para as questões a que nos propusemos refletir neste artigo<sup>1</sup>, consideramos de fundamental importância retomar, dos estudos sobre

<sup>1</sup> Artigo resultante da Comunicação apresentada no Seminário Luso-Brasileiro “Pensamento, Língua e Literatura: efeitos de encontro”, promovida pelo RG Raízes e Horizontes da Filosofia da Cultura em Portugal, em Outubro de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

a linguagem, em nossa tradição ocidental, a posição naturalista, cujas discussões se apresentam na obra **Crátilo** (1963), de Platão. Enquanto uma realidade permanente, o mundo era definido, na perspectiva platônica, pela autonomia do ser humano, enquanto fenômeno natural/e da natureza, que se explica independentemente, portanto, numa relação de sentidos verdadeiros, imanentes. Os elementos da realidade eram nomeados pelo hábil legislador, que buscava, com palavras, imitá-los, em sua essência, numa relação direta, de justeza entre o nome e a realidade imitada.

No século XIX, sob vigor das ciências naturais, a posição naturalista dos estudos da linguagem é ressignificada, definindo, pelo vínculo de parentescos biológicos, a relação entre a palavra e a coisa. As mudanças históricas que se operam na língua são tomadas, nessa perspectiva, como evolução ou desenvolvimento do sistema linguístico, suposto como uma planta no cumprimento do seu ciclo vital, que nasce, cresce, se desenvolve, procria, envelhece e morre.

Bem mais recentemente, em **As Palavras e as Coisas** (1992), Foucault traz a obra de Cervantes, **Dom Quixote** (XVII), enquanto um lugar que demarca o deslocamento daquele jogo antigo da semelhança, propondo-o, dessa maneira, enquanto uma relação de representação entre a palavra e a coisa. Para o autor, **Dom Quixote** transforma a realidade “em signo de que os signos da linguagem são realmente conformes às próprias coisas” (FOUCAULT, 1992, p. 64), inventariando, para além da posição hegemônica que toma a produção de sentidos pelo vínculo natural, outras posições possíveis.

O autor refere-se à episteme da representação, na qual se funda a literatura pelo jogo duplo do espelhamento, em que a palavra passa a representar a palavra que imita o mundo. Para Foucault (2005), o surgimento da literatura situa-se justamente no final do século XVIII, início do XIX, em decorrência da crise desses pressupostos do período clássico sobre a linguagem e afirma:

A partir do século XIX, deixa-se de prestar atenção à palavra primeira e, em seu lugar, se ouve o infinito do murmúrio, o amontoamento das palavras já ditas. Nessas condições, a obra não precisa mais se incorporar nas figuras da retórica, que valeriam como signos de uma linguagem muda e absoluta; só precisa falar como uma linguagem que repete o que foi dito e que, por causa dessa repetição, apaga tudo o que foi dito e, ao mesmo tempo, o aproxima o mais possível de si mesma para recuperar a essência da literatura (FOUCAULT, 2005, p. 152).

O incessante retorno ao espaço do dizível, próprio dessa linguagem que instaura a literatura – como sua matéria prima – é definido pelo autor como simulacro, precisando-o como o ser da literatura, ao atestar que “não há ser da literatura, há simplesmente um simulacro que é todo o ser da literatura” (MACHADO, 2005, p. 147). A literatura se dá enquanto objeto de si mesma, assim, vazia, construída no rebojo da linguagem, como afirma Foucault (2005, p. 151) ao mencionar “Joyce repete Ulisses para que nessa dobra da linguagem repetida sobre si mesma, algo apareça que não seja a linguagem cotidiana, mas o próprio nascimento da literatura”.

Pela Análise do Discurso, conforme Pêcheux (1988), esse mecanismo de espelhamento constitui o funcionamento próprio da língua sob a forma da ficção, conforme se materializa nos discursos jornalístico e literário. O autor argumenta que, na formulação do *Le Monde*, como em “a cruz branca que os manifestantes amarraram em um poste não foi tocada pela polícia” (p. 168-169), a sintaxe aponta para a ocorrência da evocação de um saber, suposto pela evidência de um sentido pré-dado – o interdiscurso. Pelo viés discursivo, esse enunciado produz o efeito de um saber já-dado sobre a “cruz branca”, a partir do qual se sustenta o que se diz. E, na formulação possível do romance clássico – como em uma citação trazida como exemplo da ficção na língua, por Pêcheux (1988, p. 169), “era uma dessas manhãzinhas pálidas que se assemelham a um nascimento” –, a língua atualiza da memória de sua constituição o efeito-criador, que captura o poeta ao produzir linguagem e ao criar “o seu mundo”, “fora da realidade” e, nos termos de Pêcheux, “com seus próprios objetos, suas qualidades e propriedades específicas” (1988, p. 169).

Essa ficção constitutiva da língua consiste, para o autor, na modalidade idealista mais pura da forma-sujeito, ao criar seres fictícios habitando seus mundos por um procedimento de repetição e reformulação dos sentidos, em relação ao já-dado da língua. A língua aparece, assim, como uma ficção cômoda, uma maneira de falar, dentre outras, pondo em dúvida a existência independente do mundo como exterior ao sujeito e, ao mesmo tempo, questionando as posições naturalistas da relação palavra/coisa (PÊCHEUX, 1988, p. 169).

Pêcheux atesta, a partir dos anagramas de Ferdinand de Saussure (1916), que, diferentemente das teorias clássicas que promovem a separação entre a língua e a poesia, o poético produz-se como um deslizamento inerente a toda linguagem e afirma:

[...] o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a sua acidez, um ‘acelerador de partículas da linguagem’. Poder-se-ia assim dizer, no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula “não há pequenas economias”: “não há linguagem poética (PÊCHEUX, 2004, p. 58).

A formulação possível como em “não há linguagem poética”, conforme a citação anterior, sustenta-se no pressuposto discursivo de que a linguagem é poética na sua constituição – o que há é linguagem –, bem como no de que ela não remete à realidade permanente, senão a dizeres de um saber já-dado. Ainda, que a poesia é o arranjo, o espaço de jogo entre significantes, atualizados da memória de dizeres na língua pelo poético de sua constituição.

A língua, assim, capaz de poesia, cria mundos pelo/no jogo entre o mesmo/o diferente dos sentidos já-dados, cuja possibilidade do dizer sustenta-se num saber suposto, definido por Orlandi (2007, p. 31) como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível sustentando cada tomada da palavra”. Este mecanismo próprio da língua, definido pela ordem da constituição/formulação, supõe o funcionamento da memória discursiva, pela repetição/atualização de sentidos e formulações.

Considerando a poesia como um arranjo, espaço de jogo metafórico entre significantes na língua, perguntamos pelo estabilizado da memória discursiva literária no Brasil – formulações e sentidos –, ou seja, no modo como a língua brasileira cria mundos e sujeitos nacionais. Essa pergunta orienta-se pelo funcionamento discursivo proposto por Pêcheux (1988), ao descrever os modos pelos quais a língua se constitui pelo interdiscurso, a memória discursiva, produzindo efeitos de sentido também pelo poético.

No caso particular da materialidade que tomamos, a poesia *Cabeludinho*, da obra **Poemas concebidos sem pecado** (1937), de Manoel de Barros (1916-2014), percebemos que a língua, na sua relação de constituição com o interdiscurso, produz o efeito criador de mundos. Tal efeito, em sua especificidade, sustenta-se na criação de seres fictícios, de objetos e qualidades particulares, por um saber literário já-dado que se atualiza nas formulações da língua.

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, foram marcadas pelos movimentos de ruptura em relação às práticas de escrita, culturais, artísticas, etc., de tal modo que a língua passou a instituir diferenças entre o que é dado como próprio da tradição portuguesa e o que se quer como

sentidos brasileiros pelo saber literário e modos como a língua é articulada. As produções literárias passam a inventar(iar) perfis e configurações à terra nacional, à língua falada e ao sujeito que nela habita, não cessando de produzir metáforas, deslizamentos e versões para a língua mesma. Nos termos de Orlandi (2001), a noção de versão remete à dispersão, ao múltiplo, que tanto pode ser do mesmo, quanto do diferente.

A propósito desse estudo, trazemos, a seguir, um excerto da poesia *Cabeludinho*, cuja formulação nos remete à memória da língua, pelas marcas de saberes já pressupostos:

I – Cabeludinho

Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho  
Bem diferente de Iracema  
Desandando pouquíssima poesia  
O que desculpa a insuficiência do canto  
Mas explica a sua vida  
Que juro ser o essencial

– Vai desremelar esse olho, menino!  
– Vai cortar esse cabelão, menino!  
Eram os gritos de Nanhá.

Essa poesia mobiliza, nos dois primeiros versos, um saber literário suposto sobre a língua, pelo modo como os sentidos entre o mesmo e o diferente sobre os brasis, línguas e sujeitos da memória discursiva, dando visibilidade aos procedimentos estéticos de criação da poesia barroca. Assim, os versos */Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho/* e */ Bem diferente de Iracema/* criam, por esse saber suposto sobre a língua, um mundo particular para o sujeito brasileiro. Há um já-dito da memória literária que se repete na formulação sintática do primeiro verso, produzindo o efeito discursivo criador de mundos – a nação brasileira – cujo mundo, no segundo verso, é criado pelo já-dito numa relação discursiva com o mundo de **Iracema** (1865), de José de Alencar. Vale reiterar que, para o analista de discurso, esse é o funcionamento discursivo próprio da língua, a ficção, uma vez que os referidos versos atualizam formulações e sentidos da obra **Iracema** pelos efeitos metafóricos da língua, materializados na sintaxe criadora dos versos anteriormente citados de *Cabeludinho*. Essa formulação sintática, em que um adjunto adverbial (lugar/modo) antecede o verbo intransitivo *nascer* - flexionado na 3ª pessoa do singular, do tempo pretérito perfeito do indicativo -, repete a estrutura sintática de um dizer estabilizado na/pela memória discursiva literária brasileira. Essa repetição se produz na

regularidade da fórmula linguística, que encadeia sintaticamente o efeito-criador, como vemos: 1 – num lugar ou de certo modo; 2 – nasceu alguém; 3 – que tem um nome; 4 – o predicativo de quem nasceu. É assim como vemos em **Iracema**, obra de Alencar: *Além, muito além daquela serra, que ainda azulava no horizonte, nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel.*

As condições de produção, compreendidas discursivamente como sendo o sujeito e a situação na sua relação com a história, permitem-nos compreender diferenças entre as versões literárias que criam esses brasis. Se, em **Iracema**, a língua se produz como efeito de ruptura cultural em relação a Portugal, porque cria uma nação, uma língua outra, um herói – o sujeito brasileiro – do sexo feminino e indígena –, em *Cabeludinho*, essa diferença se coloca na relação entre os brasis brasileiros internos.

Essa sintaxe poética que põe o mundo de *Cabeludinho* numa relação com o mundo de **Iracema**, pela repetição da estrutura linguística, é performativa, pois cria uma versão literária outra, no modo como a poesia se faz na língua. A recorrência dessa estrutura sintática na produção literária brasileira produz o efeito criador de diferentes mundos, diferentes línguas e sujeitos nacionais. Na formulação *Bem diferente de Iracema!* produz-se a injunção discursiva que inscreve *Cabeludinho* à tradição literária brasileira pela negação dos sentidos de *Iracema*. Ou seja, os sentidos produzidos em *Cabeludinho* para *Iracema* **são atualizados na língua pela negação.**

Essa perspectiva teórica que toma a poesia como o próprio da língua para pensar a relação entre palavra/coisa se dá enquanto um lugar contemporâneo dos estudos da linguagem, dada a sua materialidade escorregadia ao presidir e articular o discurso. A matéria significativa da língua, múltipla por sua natureza, é definida pelo mecanismo discursivo de dizer de si/sobre si mesma. Nos procedimentos de escrita – modo particular de materialização da poesia –, a língua se significa ao falar sobre, mas, sobretudo, no modo como se fala, de sorte que as projeções fictícias dos mundos instaurados na língua são também determinadas e significadas pelas relações sociais e históricas estabelecidas. Ou seja, os modos pelos quais a língua produz versões para a relação sujeito/mundo são historicamente significados em poesia.

No que concerne à escrita, Auroux (1992) considera a possibilidade desse retorno, dessa reflexão linguística, como decorrência da alteridade que lhe é constitutiva. Supomos assim que, no espaço discursivo dessa memória da língua e no confronto entre as diferentes maneiras de falar que se instalam em nossa sociedade, a escolha por um significante e não outro vai definindo as políticas de língua, no modo como essa memória se faz significar nas diferentes formulações, versões, possíveis.

A Análise do Discurso, como uma teoria que não separa a poesia da língua, relegando-a como um conjunto de efeitos especiais fora do sistema (PÊCHEUX, 2004), reconduz ao objeto linguístico a sua plasticidade discursiva, a sua capacidade de significar, até os últimos limites, em quaisquer campos semânticos e rituais discursivos que mobiliza. Ao afirmar que a metáfora está na base da significação, materializando possibilidade de deslizamentos, Orlandi (1996) retoma o funcionamento próprio da língua, conforme definido por Pêcheux (1997). Nessa perspectiva, a poesia interessa ao linguista como objeto de estudo.

Consideramos assim que, no encadeamento dos excertos da poesia *Cabeludinho*, a língua produz o efeito-criador de um Brasil outro, do bugre, como o sujeito brasileiro, inventariando uma unidade imaginária – língua/sujeito/nação – que joga em oposição com o mundo de **Iracema**. O mundo de *Cabeludinho* se estabelece, assim, enquanto deslizamento metafórico em relação ao mundo de **Iracema**. Versões de mundos e sujeitos nacionais que se desdobram e se dizem distintamente em suas políticas de dizer. E políticas de línguas que se definem justamente por um dizer estético.

Em *!Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho!*, de Manoel de Barros, em *!Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema!*, de José de Alencar, e, ainda, reproduzindo a mesma estrutura sintática, em *!No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma!*, da obra **Macunaíma** (1924), de Mário de Andrade, materializa-se a diferença, no modo particular e distinto como a língua trabalha a poesia, na sua relação com a memória literária brasileira. Quanto ao modo discursivo como a poesia constitui o jogo próprio da língua, em estudos sobre o silêncio e a metáfora, Mariani (2007) aponta que:

[...] do ponto de vista discursivo, o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões. Ao contrário, pode-se conceber como uma propriedade da ordem da língua essa capacidade de deslizamento do poético (MARIANI, 2007, p. 213-228).

A partir dessas afirmações, Mariani (2007) atesta, portanto, que a poesia, como propriedade da língua, pode materializar-se independentemente de se tratar de um *corpus*, de um ritual discursivo-literário. Ainda, que, pelo mecanismo próprio da língua, o movimento de retorno ao mesmo e ao diferente já se posta como condição à produção dos sentidos.

À medida que a literatura se define pelo gesto de atualização de sentidos da memória literária na língua, produzindo o movimento em que

a língua remete à língua mesma para se significar, é que nos deparamos com a dobra epistemológica, nos estudos da linguagem. Esse é o mecanismo próprio da língua, que a torna capaz de poesia, estruturando, apreendendo e capturando o sujeito de linguagem em suas redes significantes.

Vemos, com Pêcheux (1988), que a poesia é o possível da língua, o espaço estético de procedimentos da escrita, levados aos últimos limites pelo sujeito-escritor. Um sujeito-escritor que, no trabalho estético de criar mundos com as palavras, se posiciona em relação à materialidade significante e quanto ao modo particular como esses mundos são esteticamente criados na língua. As diferenças linguístico-materiais que criam os mundos distintos em **Iracema**, **Macunaíma** e *Cabeludinho* se esboçam para além da língua enquanto sistema. Essas diferenças implicam considerar a relação constitutiva entre língua/sujeito/história, o discurso; ou seja, o sujeito de linguagem em sua relação com a história, produzindo também diferentes políticas de sentidos sobre a língua.

Para a Análise do Discurso, a partir de Orlandi (1999, p. 17), a subjetividade estrutura-se no acontecimento do discurso, permitindo “compreender como a língua acontece no homem”. Consideramos assim que, em relação à poesia, o sujeito-escritor, o poeta, está de antemão inscrito na língua, no modo pelo qual a poesia significa essa relação língua/sujeito/mundo.

A língua funciona, desse modo, como o lugar de constituição do sujeito-escritor, seja como – na posição de – poeta clássico, romântico, moderno, contemporâneo, marginal, brasileiro, nacional, etc., todos são sujeitos que se constituem no modo particular como se organiza/combina a poesia na língua. A propósito de desnaturalizar os gestos de leitura impostos pela tradição literária e científica, em torno da organização social da leitura dos arquivos, Pêcheux (1997) aponta para o nó que interdita a historicização dos sentidos nesses campos distintos do conhecimento, quer seja, o apagamento da contradição material constitutiva da língua.

Consideramos, a partir do autor, que apagar o próprio da língua – os efeitos poéticos –, nos estudos da linguagem, significa assumir a posição teórica que toma a relação entre palavra/coisa pela sobreposição do conteúdo, da verdade. A língua, nessa direção, reconduz-se à condição de mero instrumento de comunicação, sob o controle do poeta, do decifrador/legislador do mundo. Essa posição, que produz a assepsia em relação à história e ao sujeito de linguagem, bane, da interpretação, a possibilidade da falha e da incompletude, como constitutivas dos sentidos e do sujeito.

Assim é que, do ponto de vista discursivo, teoria crítica dos estudos da linguagem, reiteramos a língua como capaz de poesia, no modo como parafraseia Manoel de Barros, em *Uso a palavra para compor meus silêncios*:

Não gosto das palavras fatigadas de informar.  
Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

*(Em 11 de outubro de 2012, no livro Memórias inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p. 47).*

## Referências

- ALENCAR, José. **Iracema**. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1998.
- AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.
- BARROS, Manoel de. **Poemas concebidos sem pecado**. São Paulo: Record, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: O discurso na história da Linguística**. Campinas: Pontes, 2004.
- JACKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1992.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, Querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MARIANI, Bethânia. **Análise do Discurso no Brasil**: Mapeando conceitos, confrontado limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípio e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Do Sujeito na História e no Simbólico. **Revista Escritos**. Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. n. 4. Campinas: Labeurb, 1999.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua**: Imigração e Nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 19. Campinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Ler o Arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. **Gestos de Leitura**: da História no Discurso. Campinas: Unicamp, 1997.

PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Sá da Costa, 1963.

Eliana de Almeida

Na relação língua/poesia: as versões dos Brasis e sujeitos nacionais

Submetido em: 2016-03-31

Aprovado em: 2016-05-31